



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

**As várias facetas da temporalidade na obra de Reinhart Koselleck**

Ana de Souza Santana

Brasília

2021

## **As várias facetas da temporalidade na obra de Reinhart Koselleck**

Ana de Souza Santana

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis – Orientador  
Departamento de História (UnB)

---

Pedro Eduardo Ferreira  
Programa de Pós Graduação em História (UnB)

---

Raylane Marques  
Programa de Pós Graduação em História (UnB)

Brasília

2021

**Resumo**

O presente trabalho tem como intuito analisar a multifacetada concepção de temporalidade presente na obra de Reinhart Koselleck. A análise incide sobre obras compostas entre a tese doutoral, de 1953, até a elaboração por Koselleck de reflexões e questionamentos especificamente sobre a temporalidade, algo que lhe será característico da década de 1970 em diante. Serão investigados os seus escritos a respeito da gênese do pensamento político moderno, da história administrativa da Prússia, algumas peças-chaves do léxico de conceitos históricos fundamentais e, por fim, as suas reflexões específicas sobre tempo histórico – tudo com especial atenção às diferentes noções de temporalidade existentes nos trabalhos citados. O objetivo é entender de que maneira as percepções de tempo histórico de Koselleck contribuíram para o pensamento e elaboração da sua obra, assim como analisar o caminho de aperfeiçoamento de tais teorias.

**Palavras-chave:** Reinhart Koselleck – Tempo Histórico – Temporalidade – Teoria da História – História da Historiografia

**Abstract**

The present study aims to analyze the multifaceted conception of temporality present in the writings of Reinhart Koselleck. The analysis focuses on the texts produced from 1953, when he wrote his doctoral thesis, until 1970s, when he elaborated reflections and questions specifically about temporality, which characterizes his writings from then on. The writings under analysis are those about the genesis of modern political thought, the administrative history of Prussia, some key words from the lexicon of fundamental historical concepts and, finally, his specific reflections about historical time – this analysis will be done with special attention to the different notions of temporality existing in such works. The aim is to understand how Koselleck's perceptions of historical time contributed to the thinking and elaboration of his work, and to analyze the way he took in the development of such theories.

**Keywords:** Reinhart Koselleck – Historical Time – Temporality – Theory of History – History of Historiography

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Simone e Luiz Carlos, que sempre me apoiaram em absolutamente todos os aspectos da minha vida, me dão suporte, me proporcionam muito além do que preciso, são o ombro amigo e o meu porto seguro. Faltam-me palavras para expressar tamanho carinho e afeto que tenho por essas duas pessoas que fizeram de mim o ser humano que sou hoje. A eles toda a minha gratidão. Agradeço também aos meus irmãos Lucas e Clara, que completam o meu núcleo familiar e fazem parte de todas as felicidades que a minha família me proporciona diariamente. Nada disso faria sentido sem eles.

Ao meu professor e orientador Arthur Alfaix Assis, que me acolheu sem pestanejar, comprou as minhas ideias e me ajuda nesta caminhada já há mais de dois anos. Agradeço por acreditar em mim desde o início e por ter sido a minha base tanto no projeto de Iniciação Científica quanto no presente trabalho. Ele é o maior exemplo que eu poderia seguir nesse campo, enquanto acadêmico e enquanto pessoa.

À minha professora de graduação já aposentada Eleonora Zicari Costa de Brito, que acendeu em mim a paixão pela Teoria da História e foi uma verdadeira amiga durante esse percurso. Aos professores André Gustavo de Melo Araújo, Luiz César de Sá, André Cabral Honor, Ione de Fátima Oliveira e tantos outros que, em muitos momentos da minha graduação, me ajudaram de diversas formas e cooperaram para o meu crescimento.

Agradeço ao meu namorado Lucas Leite, aos meus amigos Aline Lopes, Ana Luiza Franco, Cíntia Rodrigues, Fernanda Melo, Gabriel Luan, Gino Pinori, Juliana Carvalho, Kaleb Rickli, Lilita Daduch, Lísyá Borges, Maria Clara Andrade, Mariana Penna, Mateus Siqueira, além de tantos outros que nunca deixaram de acreditar em mim e me fortaleceram das mais diversas maneiras neste percurso tão intenso que é a graduação.

À minha querida Universidade de Brasília, que mudou completamente a minha forma de encarar o mundo, me apresentou horizontes e infinitas possibilidades. Obrigada pelos incontáveis congressos, simpósios e palestras. Obrigada pelos projetos de extensão, pela Iniciação Científica e grupos de estudo. Obrigada também pelas festas, happy hours, bares e até mesmo pelos estresses. Minha eterna gratidão.

*Eu que fui a bela Clio, tão adulada. Como eu triunfava no  
tempo dos meus jovens feitos. Depois veio a idade (...).  
Então eu tento me enganar. Eu me dedico a trabalhos (...)  
Eu, a história, engano o tempo.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> PÉGUY, C. Clio, Dialogue de l'histoire et de l'âme païenne. In: *CEuvres en prose complètes, III*. Paris: Gallimard, 1992. (Bibliothèque de la Pléiade). Tradução livre.

## Sumário

Introdução.....	7
1. Síntese biográfica.....	10
2. A problemática temporal no jovem Koselleck.....	18
3. Conceitualidade e temporalidade.....	24
4. Reflexões e questionamentos sobre a temporalidade.....	30
Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas.....	39

## Introdução

De acordo com o historiador Estevão de Rezende Martins, os seres humanos têm a profunda necessidade de entender como será o decorrer do tempo. Afinal, “ideias como a de tempo ou de espaço possuem uma função organizacional na reflexão sobre a experiência do agente racional humano”.<sup>2</sup> Não é à toa que os profissionais no estudo do homem no tempo<sup>3</sup>, chamados historiadores, têm esse tema como central nas suas pesquisas. Dentre diversas questões que incomodam os historiadores em seu ofício, a discussão a respeito da temporalidade é inerente às mais variadas reflexões: o que é tempo histórico; qual a importância de pensarmos acerca da temporalidade; qual a importância da temporalidade nas narrativas históricas; e por aí vai.

Afinal, qual seria a diferença entre o tempo natural e o tempo histórico? Explicando a obra de Koselleck, o historiador John Zammito argumenta que o tempo natural é aquele que se direciona pela natureza: os movimentos de translação e rotação da Terra; o nascer e o pôr do sol; as estações do ano; o nascimento e a morte dos indivíduos; e assim por diante.<sup>4</sup> O tempo histórico, por sua vez, muito mais volátil e instável, é aquele perceptível pelo ser humano somente de acordo com as suas vivências.

O historiador alemão Reinhart Koselleck foi um dos intelectuais que se aventurou na discussão – e conseqüente teorização – do que podemos entender enquanto tempo histórico e temporalidade. “É uma banalidade que a história sempre tem a ver com o tempo”<sup>5</sup>, escreveu. Contudo, para muito além de definir o que seria esse conceito, Koselleck pensou em como ele se dá na experiência humana ao longo dos mais diversos períodos – apesar de ter dado especial atenção para o período moderno. As suas reflexões e questionamentos sobre o tema são encontrados tanto nas entrelinhas de trabalhos que aparentemente nada têm a ver com essa discussão – como em sua tese de doutorado

---

<sup>2</sup> MARTINS, Estevão de Rezende. Tempo: Experiência, Reflexão, Medida. In: *Heterocronias – Estudo sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018. p. 74.

<sup>3</sup> Esse conceito de história foi cunhado por Marc Bloch em sua obra “Apologia da História”: “A história seria talvez a ‘ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo’”. BLOCH, *A Apologia da História ou o ofício de historiador*, p. 7.

<sup>4</sup> ZAMMITO, John. Koselleck’s philosophy of historical time(s) and the practice of History. In: *History and Theory* 43. Middletown: Wesleyan University, 2004. p. 125.

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo. Estudos Sobre História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

*Crítica e Crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês*<sup>6</sup> –, quanto em artigos publicados durante toda a sua carreira acadêmica voltados especificamente ao assunto.

O intuito do presente trabalho é percorrer a obra de Koselleck com os olhos atentos às suas concepções de temporalidade, buscando entender o sentido de tais concepções em cada momento de sua carreira, assim como a evolução de suas reflexões, já que elas dizem respeito não somente à sua visão sobre este tema específico, mas também acerca da disciplina histórica como um todo – pesquisa, escrita, diferenciação dentre as outras ciências humanas e etc.

Ao nos debruçarmos nos escritos de Koselleck, contudo, devemos ter em mente que a preocupação central de sua obra, de maneira geral, é desconstruir a ideia de uma história única, ou seja, deixar de lado a concepção de uma narrativa singular que tenta abranger todas as histórias. Jacob Taubes chegou a denominar Koselleck como o “guerrilheiro” das histórias no plural, o qual se opunha de diversas formas à narrativa histórica singular<sup>7</sup>. Essa questão está presente em quase toda a sua carreira acadêmica, principalmente na discussão acerca da temporalidade, a qual daremos especial atenção.

No que diz respeito aos documentos utilizados, este trabalho será feito a partir de livros, artigos, conferências e uma entrevista do historiador em questão. Também buscaremos apoio teórico em autores que tratam do assunto, tanto relativos às ideias de Koselleck em si, quanto às temáticas de tempo histórico, de forma que seja possível compreender a multifacetada temporalidade de Koselleck em toda a sua singularidade.

Começaremos com uma síntese biográfica do historiador, com a qual teremos uma melhor noção da sua trajetória acadêmica, assim como de pontos cruciais de sua vida pessoal que possam ter afetado a sua forma de enxergar o mundo e, conseqüentemente, a história. Nesse primeiro momento, não aprofundaremos em seus trabalhos, já que será apenas uma contextualização do momento em que eles foram pensados e escritos. O detalhamento das suas ideias acerca da temporalidade ocorrerá nos capítulos seguintes, começando pelas suas teses de doutorado e *Habilitation*<sup>8</sup>, seguidas pelo léxico de

---

<sup>6</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2015.

<sup>7</sup> TAUBES citado por KOSELLECK, Reinhart; DUTT, Carsten. História(s) e Teoria da História. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 18, 2015. p. 312.

<sup>8</sup> *Habilitation* é o mais alto grau de titulação que um acadêmico pode chegar, sendo direcionada apenas a portadores do título de doutor.



conceitos históricos fundamentais e, finalmente, as suas reflexões e questionamentos específicos sobre o tempo histórico e a temporalidade de maneira geral.

## 1. Síntese biográfica

Reinhard Koselleck nasceu em 23 de abril de 1923 na cidade de Görlitz, localizada no ponto mais oriental da Alemanha, fronteira com a Polônia. Foi um dos três filhos de Arno e Elisabeth Koselleck, os quais faziam parte de um grupo social da classe média alemã conhecido por dar especial atenção à educação – o chamado *Bildungsbürgertum*.<sup>9</sup> O seu pai era historiador, professor do ensino básico e professor de instituições de formação de professores. A mãe, nascida em uma abastarda família burguesa, estudou francês, história e geografia, além de ter sido também violinista. “Segundo o próprio testemunho, Koselleck cresceu num contexto familiar em que se valorizavam a leitura, a música, as visitas a museus, a escrita de cartas”.<sup>10</sup> Na verdade, quando jovem, ele até mesmo quis se aventurar no mundo da pintura e pensou em cursar artes plásticas, mas o pai acabou o pressionando para que seguisse uma carreira mais científica.

Aos 19 anos, quando a Segunda Guerra Mundial acontecia a todo vapor, Koselleck estava nos anos finais de sua formação escolar. Juntamente com todo o restante da sua classe, ele se voluntariou para servir ao exército. Foi recrutado em maio de 1941 para a artilharia do exército nacional socialista alemão, no qual serviu até 1942 no território da União Soviética, quando sofreu um acidente e acabou por machucar o pé enquanto marchava em direção a Stalingrado. Esse episódio o tornou incapaz de continuar na artilharia e ocasionou a sua transferência para a Alemanha e a França, onde trabalharia com operações de suporte.

A sua participação militar na guerra acabou quando, em 1º de maio de 1945, Koselleck foi capturado pelo exército soviético durante uma missão de infantaria na cidade de Mähren, na Alemanha. Juntamente com o restante dos soldados alemães que também foram capturados, ele fez uma longa caminhada que acabou nos arredores de Auschwitz, onde o grupo foi obrigado a cumprir tarefas braçais. Algumas semanas depois, todos foram transportados para um *Gulag* (campo de trabalho soviético)

---

<sup>9</sup> De acordo com Niklas Olsen, o *Bildungsbürgertum* “surgiu a partir de meados do século XVIII e tornou-se o principal grupo de viés científico e humanístico, da vida cultural e de algumas partes do serviço estatal”. OLSEN, *History in the Plural*, p. 10. Tradução livre.

<sup>10</sup> ASSIS, Arthur Alfaix; MATA, Sérgio da. O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos. In: KOSELLECK, R; MEIER, C; Günther, H; ENGELS, O. *O Conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 19.

localizado na cidade de Karaganda, no Cazaquistão. Somente após 1 ano e três meses de trabalhos forçados, ele finalmente conseguiu escapar com a ajuda de um médico amigo da sua família, retornando à Alemanha no final do ano de 1946 para um apartamento na cidade de Saarbrücken, onde a sua mãe ainda vivia.

Dos três filhos, Koselleck foi o único que sobreviveu à guerra. O seu irmão mais novo foi vítima de um bombardeio, enquanto o mais velho morreu em combate. Além disso, uma de suas tias que sofria de esquizofrenia faleceu por conta do programa nacional socialista de eutanásia.<sup>11</sup> As experiências e traumas relacionados à Segunda Guerra Mundial marcaram fortemente Koselleck ao longo de sua vida, tendo sido aspectos influenciadores inclusive em sua decisão de estudar história. Como muitos de seus contemporâneos que viveram a ascensão e declínio do partido nacional socialista alemão, ele se sentiu enganado pela ideologia nazista e acabou por se tornar uma pessoa crítica e cética no que diz respeito a assuntos políticos. De acordo com o historiador Niklas Olsen,

(...) ele apresentou seu trabalho como uma tentativa pessoalmente motivada de apreender o pano de fundo histórico do mundo moderno, em particular a Segunda Guerra Mundial, incluindo como ele foi experienciado e como poderia ser compreendido e enfrentado. Com referência a essas experiências, ele também explicou sua fixação em tópicos como “crise”, “conflito” e “morte”, sua aversão a noções como “nação”, “pátria” e “heroísmo”, bem como o seu ceticismo em relação a todas as discussões sobre o progresso na sociedade moderna, sua política e sua ciência.<sup>12</sup>

Com essa bagagem, Koselleck entrou na Universidade de Heidelberg no verão de 1947, com 24 anos de idade, onde teve a oportunidade de estudar não somente história, mas também temas de filosofia, estudos juristas e sociologia. Ele aproveitou ao máximo o relativo livre currículo da universidade, tendo tido contato direto com professores de diversas áreas do conhecimento. Entretanto, foram cinco os professores que tiveram especial importância na vida estudantil de Koselleck: o historiador Johannes Kühn, os filósofos Karl Löwith, Hans-Georg Gadamer e Martin Heidegger e o jurista Carl Schmitt – apesar destes dois últimos não terem sido professores em Heidelberg. De todos, Schmitt

---

<sup>11</sup> ASSIS; MATA, O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos, p. 20.

<sup>12</sup> OLSEN, Niklas. *History in the Plural. An introduction to the Work of Reinhart Koselleck*. New York: Berghahn Books, 2012. p. 13. Tradução livre.

foi o intelectual que desempenhou maior influência no início da carreira acadêmica do jovem Koselleck.

Niklas Olsen relata, inclusive, que Schmitt se tornaria um “mentor informal”<sup>13</sup> de Koselleck enquanto este trabalhava em sua tese de doutorado, a qual foi defendida em outubro de 1953 e intitulada *Crítica e Crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês*.<sup>14</sup> O objetivo deste trabalho era investigar as origens das utopias modernas por meio de três obras de Immanuel Kant, mas o projeto acabou se tornando uma análise da gênese do pensamento político moderno durante o Renascimento.

Em seu doutorado, Koselleck argumenta que o pensamento político moderno se desenvolveu quando, dentre as guerras civis dos séculos XVI e XVII, percorrendo até a Revolução Francesa, criou-se uma crítica à forma de governo absolutista, pois deixou-se de acreditar em uma política que não procurava agir de acordo com princípios morais. Essas mudanças na relação entre política e moralidade são explicadas em três capítulos da sua tese: no primeiro, é explicado como os estados absolutistas teriam sido criados enquanto uma solução para as guerras civis e religiosas; no segundo, Koselleck descreve a crítica da sociedade burguesa à forma absolutista de vivenciar a política; por fim, no terceiro e último capítulo, é demonstrado que, na recusa de um Estado que não governa levando em consideração os princípios morais, a burguesia logo tomou medidas para planejar e criar um mundo de total moralidade, igualdade e felicidade – de acordo com seus próprios preceitos.

A tese, contudo, é “muito mais do que uma erudita e desinteressada investigação do pensamento político moderno”.<sup>15</sup> Koselleck problematiza os conceitos estruturantes das ideologias políticas modernas, tratando tanto da crise setecentista quanto do contexto histórico ao qual ele estava inserido no momento da escrita do seu trabalho: a emergente Guerra Fria. De acordo com ele, o pensamento moderno, que teve início em meados da Revolução Francesa, foi um fator perigoso que acabou por criar um mundo dominado por um sistema de permanente crise e guerra, explicando inclusive as correntes políticas totalitárias do século XX.

---

<sup>13</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 25. Tradução livre.

<sup>14</sup> KOSELLECK, *Crítica e Crise*.

<sup>15</sup> ASSIS; MATA, O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos, p. 21.

Após uma recepção polêmica do seu doutorado, tendo em vista que o trabalho foi marcado por uma forte posição política, Koselleck iniciou os questionamentos que dariam corpo à sua tese de *Habilitation*. Continuando suas reflexões acerca das origens do pensamento moderno, com foco na relação entre Estado e sociedade, ele acabou decidindo, influenciado pelo seu orientador Werner Conze, por trabalhar com um tema relacionado à história social da Prússia, investigando a tensão entre Estado e sociedade por meio de fontes constitucionais e administrativas – o que requereu o aprendizado de técnicas de pesquisa histórica que foram extremamente úteis na sua carreira acadêmica daí em diante.

*A Prússia entre reforma e revolução*,<sup>16</sup> publicada em 1967, é marcada por uma árdua investigação da história da Prússia do período entre 1780 e 1848. De acordo com Niklas Olsen, esse trabalho é considerado mais desenvolvido tanto teoricamente quanto metodologicamente que a sua tese de doutorado – e isso se deve à reflexão acerca do tempo histórico que Koselleck apresenta no estudo.<sup>17</sup> A reflexão é baseada na ideia de que a história não caminha de forma linear, mas de acordo com a interação de várias e coexistentes camadas temporais. Na análise, Koselleck cita duas camadas temporais e políticas contrárias que estavam bem perceptíveis na Prússia dos anos de 1780 a 1848 e que foram fatores cruciais para o processo da revolução burguesa: uma conectada à emergente burguesia industrial e a outra conectada à sociedade agrária, marcada pelo antigo regime.

Contudo, trataremos desse tema mais a frente, quando adentrarmos a fundo nas concepções de temporalidade do autor. O fato é que, no final da década de 1960, essa obra não somente tornou Koselleck um acadêmico respeitado dentre os seus colegas, como também o garantiu uma posição: apenas dois anos após publicar a sua *Habilitation*, ele foi nomeado a uma cadeira de teoria política na Universidade de Heidelberg, quando finalmente se tornou um acadêmico independente e pôde investir o seu tempo em pesquisas que talvez não fossem tão predominantes nas discussões intelectuais da academia alemã, mas que fossem mais do seu interesse.

Daí para frente, houve três temas que ele passou a investigar mais a fundo, apesar de não concomitantemente: o seu projeto *Conceitos históricos fundamentais*, ou

---

<sup>16</sup> KOSELLECK citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 132. Tradução livre.

<sup>17</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 147.

seja, o léxico de conceitos históricos; as suas reflexões e questionamentos sobre temporalidade, os quais podem ser observados em muitos de seus trabalhos; e os seus estudos relacionados às experiências de guerra, violência e terror, muito ligados às suas vivências durante a Segunda Guerra Mundial. Tais assuntos foram ainda mais desenvolvidos após a transferência de Koselleck para a Universidade de Bielefeld em 1973, onde ele ocupou a única cadeira de teoria da história. Essa transferência foi de extrema importância para a sua vida acadêmica, visto que em Bielefeld ele pôde ter contato com outros acadêmicos que o ajudariam nessa empreitada.

Contudo, o projeto *Conceitos históricos fundamentais* iniciou-se um pouco antes, em 1957, quando Koselleck ainda era orientado por Werner Conze na Universidade de Heidelberg e o ajudou a delimitar os planos acadêmicos para os anos seguintes. Uma das propostas de Koselleck foi a criação de um léxico formado por conceitos históricos centrais, ideia que logo foi aceita pelo grupo de trabalho de Conze voltado para a história social moderna. Nesse grupo, com o apoio do historiador Otto Bruner e do sociólogo Günther Ipsen, foi decidido que tal trabalho seria um “projeto no qual os conceitos seriam estudados enquanto indicadores e fatores da linguagem social e política”.<sup>18</sup>

De início, o léxico incluiria trabalhos de em torno de 10 acadêmicos, todos da Universidade de Heidelberg, e o objetivo seria exclusivamente o de trazer à luz as mudanças conceituais do século XIX. Contudo, o projeto foi crescendo gradualmente em termos de escopo e ambição, tendo como resultado o enorme léxico *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem política e social na Alemanha*, com artigos dispostos em 7 volumes – o primeiro foi publicado em 1972 e o último em 1992. Escrito por 109 estudiosos de diferentes disciplinas, os artigos cobrem as histórias de conceitos sociais e políticos como “Estado”, “história” e “democracia”, desde a Grécia Antiga até a República de Weimar<sup>19</sup>.

O empenho de Koselleck foi crucial para a continuidade do léxico, tendo em vista que, além de ter contribuído para a escrita de diversos artigos em todos os volumes do projeto, ele era a principal figura por trás do pensamento teórico, metodológico e editorial, momento em que ele teve a oportunidade de colocar em prática as diversas

---

<sup>18</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 167. Tradução livre.

<sup>19</sup> A República de Weimar foi a república estabelecida na Alemanha em 1919, após a Primeira Guerra Mundial. Ela durou até o início do regime nazista, em 1933.

técnicas de pesquisa histórica adquiridas em sua *Habilitation*. Consequentemente, o seu nome é quase sempre relacionado ao léxico, já que o projeto foi “um grande empreendimento editorial coletivo que marcaria época na cena historiográfica alemã da segunda metade do século XX”<sup>20</sup>.

Com relação às suas reflexões acerca da temporalidade, é necessário ter em mente que Koselleck trabalhou com essa temática desde o início da sua carreira acadêmica, mesmo que somente enquanto uma ferramenta analítica. Isso é muito evidente em *Crítica e Crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês*, seu doutorado, em *A Prússia entre reforma e revolução*, sua *Habilitation*, e no projeto *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem política e social na Alemanha*. Foi com essa larga bagagem de estudos (a qual ainda vamos analisar mais detalhadamente) que ele decidiu desenvolver reflexões e questionamentos ainda mais elaborados sobre as percepções do tempo histórico e a temporalidade de maneira geral.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, Koselleck surgiu enquanto uma figura central na discussão acerca do futuro da disciplina histórica.<sup>21</sup> Ele argumentou que, se a História pretendia sobreviver enquanto ciência, ela deveria fazer um árduo trabalho de delimitação das suas premissas teóricas, além de se ocupar com questões mais sociais e políticas. Foi nesse contexto que, em meados da década de 1970, ele publicou dois artigos com o intuito de encontrar soluções para a crise identitária que assolava os historiadores: *Para que História, ainda?*<sup>22</sup>, uma apresentação proferida em 1970 e publicada em 1971; e *Sobre a necessidade de teoria na Ciência da História*<sup>23</sup>, uma apresentação do ano 1969 que foi publicada em 1972. Nesses artigos, Koselleck argumenta que a disciplina histórica deveria se concentrar no desenvolvimento de uma teoria específica: a teoria dos tempos históricos. Em *Para que História, ainda?*, ele escreveu:

Simplesmente carecemos de uma teoria que – se possível – distinguirá nossa ciência das teorias das outras ciências sociais: uma teoria dos tempos históricos. A tarefa, então, será descobrir estruturas temporais

---

<sup>20</sup> ASSIS; MATA, O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos, p. 22.

<sup>21</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 211.

<sup>22</sup> KOSELLECK citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 217. Tradução livre.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 217. Tradução livre.

que são moldadas de acordo com os vários tipos de mudança histórica. A temporalidade dos eventos históricos e as estruturas dos processos históricos podem, portanto, organizar a escrita histórica – como organizam a própria história.<sup>24</sup>

Em outras palavras, de acordo com Koselleck, uma teoria bem elaborada acerca dos tempos históricos poderia se tornar o principal vínculo de organização da escrita histórica e, conseqüentemente, o principal ponto de diferenciação entre a História e as outras ciências humanas – e ele se propôs a cooperar para a criação dessa teoria. No entanto, segundo Niklas Olsen, Koselleck nunca escreveu um único trabalho exaustivo e abrangente sobre o assunto. Em vez disso, ele compôs uma série de textos menores com suposições e argumentações que visavam mais a criação de questionamentos acerca da pesquisa empírica do que o desenvolvimento de um sistema teórico em si.<sup>25</sup> Mas isso nós teremos a oportunidade de ver mais adiante, quando nos debruçarmos de vez nos vários estudos em que Koselleck somou um pouco das suas ideias acerca da temporalidade para esse fim.

Durante a década de 1970, houve outro tema que ele adicionou ao seu portfólio analítico e que permaneceu investigando até o fim da sua vida: a maneira como a guerra, a violência e o terror são experienciados; e como (ou se) os historiadores conseguiriam compreender tais experiências. Utilizando uma vasta gama de fontes históricas, como sonhos, memoriais de guerra e até mesmo suas próprias experiências pessoais, ele explorou essa temática em vários estudos e contribuiu como um dos pioneiros a utilizar a memória enquanto fonte da disciplina histórica.

Esses seus trabalhos são uma tentativa de entender os limites da condição humana vividos em experiências traumáticas, questionando as maneiras pelas quais essas experiências são comunicadas e compreendidas. No fim das contas, “o objetivo de Koselleck era demonstrar que os seres humanos interpretam e dão sentido às suas experiências mais extremas de maneiras diferentes ou plurais que não podem ser totalmente compreendidas ou compartilhadas por outros”<sup>26</sup>, colocando em questão até mesmo o próprio sentido da disciplina histórica e do trabalho do historiador. Contudo, devemos acentuar que esses seus estudos foram seletivos, tendo em vista que a grande

---

<sup>24</sup> KOSELLECK citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 218 e 219. Tradução livre.

<sup>25</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 220.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 270. Tradução livre.



maioria dos seus escritos acerca do tema foi focada em vítimas da Segunda Guerra Mundial e do regime nazista.

Reinhart Koselleck permaneceu na Universidade de Bielefeld até a sua aposentadoria, em 1988, depois de quinze anos ocupando a cadeira de teoria da história. Em seus mais de trinta anos enquanto historiador, ele combinou o pragmatismo com a constante exploração de novas temáticas, perspectivas e escopos, criando uma carreira acadêmica marcada pela frequente experimentação e provocação de novas questões para a disciplina histórica. O seu legado possui uma dimensão tanto científica quanto política, tendo em vista que, assim como forneceu inúmeras contribuições teóricas e metodológicas, ele também produziu questionamentos de caráter social e político essenciais tanto para a pesquisa quanto para a escrita da História.

## 2. A problemática temporal no jovem Koselleck

Reinhart Koselleck inicia a sua carreira acadêmica com um tema de doutorado que estava “em alta” na sua época: a gênese do pensamento político moderno. Como já foi relatado anteriormente, tal tese não dizia respeito somente aos acontecimentos dos séculos XVI, XVII e XVIII, mas também se preocupava com os desdobramentos que tal pensamento provocou no decorrer da modernidade, principalmente no contexto político que o próprio Koselleck estava vivendo no século XX. Apesar do trabalho não aparentar estar relacionado à discussão acerca da temporalidade, o argumento central se utiliza de uma crítica ferrenha à ideia de progresso promovida pela filosofia da história, demonstrando, logo no seu primeiro trabalho acadêmico de larga escala, uma grande preocupação com as noções de tempo que a disciplina histórica carrega. É sobre isso que trataremos a seguir – mas antes daremos um panorama geral do que se trata na tese.

*Crítica e Crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês*<sup>27</sup>, escrita em 1953 e publicada em 1959, começa argumentando que a origem dos estados absolutistas foi uma reação às violentas guerras civis e religiosas dos séculos XVI e XVII. De acordo com Koselleck, o absolutismo surgiu como uma possível solução neutra, protetora e mediadora entre as partes envolvidas nesses conflitos, tendo como princípio central a separação entre política e moralidade. Contudo, a grande maioria dos indivíduos acabou por se sentir excluída desse âmbito político, o que ocasionou o surgimento de uma esfera pública “em lugares apolíticos e instituições toleradas pelo Estado”<sup>28</sup>, como clubes, salões e demais encontros sociais da *société*, onde as pessoas puderam começar a discutir sobre tais temas. Isso ocorreu justamente no período de ascensão da burguesia, um grupo que “trouxe consigo uma nova consciência social em que os conceitos de moralidade e política e sua relação mútua eram vistos sob uma nova luz”<sup>29</sup>.

Koselleck argumenta que os membros da burguesia, além de se considerarem superiores no que diz respeito à crítica política, julgamento moral e bom gosto, enxergavam a moralidade como superior à política. Consequentemente, passaram a

---

<sup>27</sup> KOSELLECK, *Crítica e Crise*.

<sup>28</sup> HERVÁS, Alfonso Galindo. El antiliberalismo como clave de la obra de Koselleck. In: *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, Nº 21: 2009, p. 55. Tradução livre.

<sup>29</sup> KOSELLECK, *Crítica e Crise*.

criticar moralmente as atitudes políticas dos governos absolutistas, se sentindo no dever de também educar o restante dos indivíduos sobre tais temas – o que não foi tão difícil ao considerar a ascendente esfera pública. Foi nesse momento que houve a alteração na balança. Em uma utópica rejeição à autoridade política, a classe burguesa guiou a sociedade a uma autoridade baseada em valores ideológicos, quando “conceitos supostamente antiautoritários do Iluminismo como ‘razão’, ‘igualdade’ e ‘moralidade’ foram usados como armas de poder e controle”<sup>30</sup>. A recusa de um apelo político foi justamente o que fez da crítica moral burguesa uma crítica também política, tendo em vista que ela tornou possível, como já foi aqui explicitado, a criação de um mundo de total moralidade, igualdade e felicidade – segundo os preceitos burgueses. Explicando a tese de Koselleck, o filósofo Alfonso Galindo Hervás comenta que,

Na visão de Koselleck, a chave do sucesso (burguês) estava na premissa do segredo – cuja correlação era o dualismo entre moral e política – que era fundamental para a independência da nova forma social burguesa. O sigilo e a falta de poder direto geraram uma jurisdição especificamente moral destinada a fundar uma unidade social de caráter moral e cuja capacidade coercitiva se baseava na pressão social. A apoliticidade implicava uma politicidade revolucionária indireta e oculta, cujo desfecho ocorrerá quando a crítica levar a nova elite a exigir uma nova forma política, separando-se do Estado para acabar dominando-o.<sup>31</sup>

Dada essa explicação, podemos avançar sobre a noção de temporalidade que Koselleck deixa a entender na obra. No terceiro capítulo da tese, o historiador procura responder de onde veio a certeza (por parte da burguesia) de que um novo mundo estava a ser criado. De acordo com ele, a resposta se encontra na ideia de progresso da filosofia da história, a qual era compartilhada entre os iluministas de maneira geral e oferecia uma linha de ação política bem específica: a de aceleração e antecipação de uma sociedade moralmente melhor. Para mostrar a ligação entre a crítica burguesa, sua tomada indireta do poder e a crise política que atingiu o seu ápice na Revolução Francesa, Koselleck argumenta que os ideais advindos da filosofia da história encobriram o significado

---

<sup>30</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 50. Tradução livre.

<sup>31</sup> HERVÁS, *El antiliberalismo como clave de la obra de Koselleck*, p. 55 e 56. Tradução livre.

político da crise, a disfarçando como um mero tribunal moral necessário para o progresso da sociedade.<sup>32</sup>

Tais ideias seriam uma forma de escatologia cristã que, durante o século XVIII, foi secularizada e trazida para a mentalidade iluminista, tendo importante papel na percepção da temporalidade. No processo de ascensão da esfera pública, a ideia teológica de salvação teria sido transformada em um plano para a história, no qual o comando passa a ser dos próprios indivíduos – em contraposição com o plano de salvação comandado pela figura divina cristã. Dessa forma, donos dos seus próprios destinos e convencidos da ideia de progresso, os modernos passaram a identificar a história como uma inevitável linha contínua pré-determinada:

O insondável plano divino de salvação transforma-se em um segredo mantido pelos planejadores da filosofia da história. Ao darem este passo, os iluminados conquistam uma certeza especial: o plano de salvação divina é secularizado na filosofia da história racional. Mas o plano é ao mesmo tempo a filosofia da história, que garante o curso dos eventos, de agora em diante planejados.<sup>33</sup>

Foi por meio dessa mentalidade que pensadores iluministas como Rousseau, Turgot e Raynal começaram a legitimar guerras e revoluções como uma forma de combater a política imoral do absolutismo, prezando por um mundo burguês baseado na igualdade e na liberdade. De acordo com Koselleck, a filosofia da história se provou extremamente efetiva enquanto arma política, já que deu aos indivíduos um propósito comum dentro do movimento progressivo da história, prometeu um mundo ideal em que a política e a dominação seriam abolidas, legitimou a perseguição de grupos que poderiam atrasar o progresso e retirou dos indivíduos a responsabilidade dos seus atos – afinal, eles só estariam obedecendo ao caminho já traçado pela história. Ao invés de aceitarem os acontecimentos dos tempos passados e do presente, os iluministas preferiram se refugiar em uma ideia utópica de futuro que os favoreceria.

Niklas Olsen afirma que *Crítica e Crise* (1953) deve ser lida como uma crítica à filosofia da história,<sup>34</sup> já que, de acordo com Koselleck, tal mentalidade não somente acelerou o processo da Revolução Francesa como também abriu caminho para os

---

<sup>32</sup> HERVÁS, El antiliberalismo como clave de la obra de Koselleck, p. 56.

<sup>33</sup> KOSELLECK, *Crítica e Crise*, p. 116 e 117.

<sup>34</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 52.

conflitos do século XX baseados em questões ideológicas, como as duas guerras mundiais e a Guerra Fria. Em uma entrevista, Koselleck argumenta que

Uma das dificuldades oriundas da filosofia da história consiste em que os sistemas idealistas hipostasiaram todos os esboços da história geral em uma meta hipotética ou procuraram prová-la. Esta reivindicação de totalidade, traduzida em termos políticos, é totalitária.<sup>35</sup>

Dessa forma, apesar de na obra não haver discussões específicas sobre tempo histórico, podemos perceber que, já na sua tese de doutorado, ele se opõe a uma concepção de temporalidade marcada pela sistematização da história, ou seja, em que os eventos sejam contados de maneira ordenada e sequencial na intenção de visualizar os futuros possíveis.

Por outro lado, a tese de *Habilitation* de Koselleck, publicada em 1967, foi uma história constitucional, institucional e administrativa cujo foco era investigar a tensão entre Estado e sociedade na Prússia de 1780 a 1848. Conforme o historiador, o final do século XVIII foi o momento crucial que separou o antigo mundo, estável e previsível, de uma época de novas concepções políticas, espaciais e temporais. Por conta disso, este seria o recorte temporal ideal para a pesquisa, tendo em vista que o seu principal objetivo era entender os processos da modernidade em seus vários âmbitos, o que seria possível ao questionar as representações do poder político, da semântica e das configurações temporais.

Na introdução de *A Prússia entre reforma e revolução*<sup>36</sup>, é deixado claro que o estudo analisaria fontes jurídicas e administrativas de forma que fosse possível compreender a interação entre vários grupos sociais desde a elaboração do Código de Leis da Prússia até a eclosão da revolução burguesa e consequente fim das reformas. Daí surge a centralidade dos conceitos “reforma” e “revolução”, já que ambos, em constante atrito, anunciavam a transição de uma sociedade baseada no estado para uma sociedade economicamente livre.

Koselleck mantém o foco da pesquisa nas atividades dos burocratas, mais especificamente em como os burocratas, enquanto atores ativos das reformas, tiveram que se adaptar à nova mentalidade “moderna”. Dessa forma, o estudo demonstra que tais

---

<sup>35</sup> KOSELLECK; DUTT, *História(s) e Teoria da História*, p. 312.

<sup>36</sup> KOSELLECK citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 127. Tradução livre.

burocratas foram se tornando gradualmente alienados, não conseguindo se adequar à nova sociedade e, conseqüentemente, perdendo a autoridade frente aos novos personagens políticos que estavam surgindo<sup>37</sup>.

É nesse sentido que o historiador inicia uma análise que se torna o grande diferencial da sua tese<sup>38</sup>: a aplicação de uma reflexão acerca do tempo histórico. Aprofundando melhor a ideia de que a história não possuiria um andamento linear, ele argumenta que o tempo transcorreria por meio de diferentes e coexistentes camadas temporais, as quais se diferenciariam em termos de duração, velocidade e intensidade. Foi por meio da análise de tais camadas temporais que Koselleck pôde entender as expectativas de mudança, movimento e aceleração do período estudado.

Mas quais seriam essas camadas temporais na Prússia de 1780 a 1848? A primeira, conectada à emergente sociedade burguesa e industrial, estaria focada nas expectativas de um futuro baseado no progresso e na mudança – um mundo economicamente livre com estruturas políticas mais democráticas. Já a segunda camada temporal, conectada à tradicional sociedade agrária, estaria focada no antigo regime, tentando barrar os “progressos” sócio-políticos que a modernidade estava a trazer. De acordo com Koselleck, a interação entre essas duas contraditórias camadas temporais e políticas causou os dois movimentos presentes no processo de reforma da Prússia: o movimento socioeconômico, que foi muito rápido e bem-sucedido, e o movimento sociopolítico, considerado bem lento e problemático. Comentando sobre essa tese de *Habilitation*, Niklas Olsen diz que,

Ao iluminar uma variedade de fatores diferentes de uma variedade de ângulos diferentes, a *Habilitation* é consideravelmente mais avançada teórica e metodologicamente do que a dissertação (de doutorado). Essa multiperspectiva estava relacionada à teoria dos tempos históricos que Koselleck delineou no estudo: uma teoria que (...) se baseia na ideia de que a história pode se desdobrar de maneiras diferentes, dependendo da interação entre as diversas camadas temporais que estão sempre em jogo na formação de eventos e vidas humanas.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 136.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 147.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 147. Tradução livre.

Apesar de em sua tese de doutorado já haver a recusa de uma história ordenada e sequencial em que o tempo se movimentasse de maneira linear, a *Habilitation* torna-se o primeiro trabalho de Koselleck em que é aplicada abertamente uma reflexão acerca do tempo histórico. Aqui, ele deixa clara a sua concepção de tempo anti-cronológica e multidimensional, a qual é marcada por camadas temporais que coexistiriam e agiriam ativamente nas vidas humanas. A análise temporal, daqui para frente, permanece enquanto um ponto central na obra de Koselleck, tanto para o estudo de diversos períodos históricos, quanto para as discussões da disciplina histórica em si.

### 3. Conceitualidade e temporalidade

Como pudemos perceber, a questão da conceitualidade esteve presente em ambos os trabalhos que foram aqui apresentados: os conceitos “crítica” e “crise”, na tese de doutorado; e os conceitos “reforma” e “revolução”, na *Habilitation*. Contudo, apesar de Koselleck ter utilizado esses conceitos enquanto uma ferramenta analítica, foi somente no projeto *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem política e social na Alemanha* que o historiador passou a estudar com afinco a forma como determinados conceitos foram construídos e/ou transformados ao longo da história.

Reinhart Koselleck, que foi a figura principal do ponto de vista teórico e metodológico do projeto, descreveu os conceitos selecionados como não somente indicadores, mas fatores do movimento histórico. Isso quer dizer que tais conceitos não são simples palavras, pois assumem significados de especial importância para o decorrer da história. Dentre as teses presentes no léxico, a mais relevante para nós – e que abrange todas as outras – é a de que os conceitos históricos passaram por um intenso processo de “temporalização” durante a *Sattelzeit*<sup>40</sup>, ou seja, fizeram parte, cada qual com os seus significados, da mudança de mentalidade temporal entre o antigo mundo dos estamentos e o mundo considerado moderno.

De acordo com o historiador, a “temporalização” seria um fenômeno que não somente alteraria os significados dos conceitos, mas principalmente daria a relação deles com as experiências de aceleração do tempo histórico. Nessa dinâmica, os conceitos entrariam na estrutura de progresso criada pelas ideias advindas da filosofia da história, trazendo para o campo semântico a disjunção entre as experiências vividas no passado e as expectativas de futuro. Por meio dessa tese de “temporalização”, um dos focos do projeto passou a ser entender as mudanças na relação entre passado, presente e futuro

---

<sup>40</sup> *Sattelzeit* é o período que compreende os anos 1750 a 1850 (pode variar e depender da localidade). Representa a dissolução da antiga ordem social, baseada nos estamentos, e o surgimento da modernidade. De acordo com Arthur Assis e Sérgio da Mata, “trata-se justamente de uma palavra que remete ao terreno, em região montanhosa, situado entre duas elevações e que serve de passagem de uma à outra. O próprio Koselleck esclarece o significado do termo, ao mesmo tempo que chama a atenção para as suas limitações enquanto conceito organizador da interpretação histórica do mundo moderno”. ASSIS; MATA, O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos, p. 11.



durante a *Sattelzeit*, tendo como base os conceitos históricos fundamentais e as suas relações com o tempo histórico.<sup>41</sup>

É nesse sentido que, logo na introdução do primeiro volume do léxico, Koselleck antecipa o argumento do seu famoso artigo do ano 1977 intitulado “*Espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativa*”: *duas categorias históricas*<sup>42</sup>, ao afirmar que “a linguagem político-social (da *Sattelzeit*) não era mais orientada para o passado, mas cada vez mais carregada de expectativas voltadas para o futuro”<sup>43</sup>. Para explicar esse argumento, Koselleck aponta duas “categorias históricas”, pelas palavras dele, que fariam parte da estruturação da temporalidade do período: o espaço de experiência e o horizonte de expectativa.

O espaço de experiência diz respeito a toda experiência humana que um indivíduo entende como possível, enquanto o horizonte de expectativa seria um cenário de futuro possível. De acordo com Koselleck, quando essas duas categorias se afastaram na mentalidade do indivíduo, isto é, quando a perspectiva de futuro foi muito além do que já havia sido vivido, criou-se um novo tempo histórico – o da “modernidade”:

Isto só veio a modificar-se com a descoberta de um novo horizonte de expectativa, o que terminou ganhando a forma do conceito de progresso. Do ponto de vista da terminologia, o “profecias” espiritual foi substituído por um “progressus” mundano. O objetivo de uma perfeição possível, que antes só podia ser alcançado no além, foi posto a serviço de um melhoramento da existência terrena, que permitiu que a doutrina dos últimos fins fosse ultrapassada, assumindo-se o risco de um futuro aberto.<sup>44</sup>

O argumento central nessa “teoria da modernidade” é de que, na *Sattelzeit*, criou-se um novo tempo, o *Neuzeit*<sup>45</sup>: uma temporalidade específica da modernidade que seria estruturada pela constante tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, gerando uma grande diferença e assimetria entre as duas categorias históricas. Essa assimetria entre o que já foi vivido e o que estimavam viver (ou seja, entre

---

<sup>41</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 171 e 185.

<sup>42</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006. p. 305-327.

<sup>43</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 185. Tradução livre.

<sup>44</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*, p. 316.

<sup>45</sup> ZAMMITO, Koselleck’s philosophy of historical time(s) and the practice of History, p. 126.

a experiência e a expectativa) foi interpretada como progresso, o axioma fundamental da filosofia da história que ecoou em todas as esferas da modernidade. Koselleck exemplifica essa tese por meio da análise de dois conceitos: o conceito de história e o conceito de revolução, os quais trataremos a seguir.

Em seu artigo intitulado *Historia Magistra Vitae: Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*<sup>46</sup>, de 1972, Koselleck analisa a relação entre a ascensão da filosofia da história e o moderno conceito de história. Como já é deixado subentendido no título, o argumento central do trabalho é de que, na transição para o mundo moderno, a história teria perdido o seu papel exemplar, ou seja, teria perdido o seu status de “professora da vida”. Tal transformação ocorreu, de acordo com o historiador, porque os indivíduos passaram a entender a história enquanto um movimento de eventos novos e singulares. Se o futuro será diferente do que as experiências passadas, não seria possível adquirir ensinamentos pedagógicos, morais ou políticos dos exemplos dados pela história.

Essa brusca mudança de mentalidade se deu porque, antes da *Sattelzeit*, “quando uma transformação social ocorria, era de modo tão lento e em prazo tão longo, que os exemplos do passado continuavam a ser proveitosos”<sup>47</sup>, tendo em vista que o tempo histórico era baseado em continuidades e permanências – o espaço de experiência se assimilava com o horizonte de expectativa. Conforme Koselleck, antes do século XVIII, a sequência e o cálculo dos eventos históricos eram compreendidos principalmente por meio de duas categorias do “tempo natural”: o movimento das estrelas e a sequência de governantes e dinastias. Com as ideias advindas da filosofia da história, o tempo deixa de ser estruturado por essas categorias e passa a ser estruturado pelo progresso, agora considerado “transcendente à natureza e imanente à história”<sup>48</sup>.

O artigo continua argumentando que tal transformação na consciência histórica e temporal foi simbolizada, na língua alemã, pela substituição do conceito *Historie* pelo conceito *Geschichte*. Diferentemente de *Historie*, que diz respeito a histórias no plural, *Geschichte* significa a “história em si”, abarcando todas as histórias e tomando para si a ideia de história única, “pura e simplesmente”<sup>49</sup>. Johann Gustav Droysen, um dos historiadores alemães mais importantes do século XIX, resume posteriormente esse

---

<sup>46</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*, p. 41-60.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 49.

processo ao dizer que “acima das histórias está a história”<sup>50</sup>, fazendo alusão à ideia de coletivo singular, muito presente no período:

O advento da ideia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e linguístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções “*La Révolution*”.<sup>51</sup>

De acordo com Koselleck, não é por acaso que, no mesmo período no qual o conceito coletivo singular de história (*Geschichte*) começou a tomar força, emergiu também o conceito de filosofia da história. Trazendo a ideia de progresso à mentalidade dos indivíduos, a filosofia fez com que a história fosse compreendida como um todo unitário. “Se a história se torna um evento único e singular da educação do gênero humano, então cada exemplo particular, advindo do passado, perderá força, necessariamente”<sup>52</sup>, o que ocasionou a perda de sentido no seu *topos* de “professora da vida”.

Em uma entrevista, Koselleck argumenta que essa “teoria da singularidade” da filosofia da história, ou seja, a ideia de história única, é uma consequência da acelerada sociedade industrial. Segundo ele, o principal fator de diferenciação da modernidade é uma aceleração no tempo que nunca havia sido experienciada antes pelos seres humanos. “Desta maneira, a partir do século XVIII, a história se distingue fundamentalmente de toda a história passada, pois as próprias metas estruturais mudam mais rapidamente do que antes era possível”<sup>53</sup>.

O conceito de “revolução” também sofreu modificações nesse contexto. Em seu artigo de 1972, intitulado *Critérios históricos do conceito moderno de revolução*<sup>54</sup>, Koselleck analisa este conceito tendo em vista que, apesar de não ter sido criado na *Sattelzeit*, ele assumiu significados radicalmente diferentes durante o período. De acordo com o historiador, os pensadores iluministas “deram ao conceito de revolução um novo

---

<sup>50</sup> DROYSEN citado por KOSELLECK, *Futuro Passado*, p. 49.

<sup>51</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*, p. 52.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>53</sup> KOSELLECK; DUTT, História(s) e Teoria da História, p. 323.

<sup>54</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*. p. 61-77.

significado quando o usaram para interpretar todos os eventos e processos, incluindo os domínios do direito, religião, política, economia e tradições culturais da perspectiva de mudança e alteração”<sup>55</sup>. Em outras palavras, qualquer evento ou processo passou a ser interpretado como parte de uma transformação e, logo, considerado revolução.

Isso quer dizer que, assim como o conceito de história, “revolução” assumiu a forma de coletivo singular, refletindo a ideia de “um movimento irreversível e permanente que estaria prestes a ocorrer no futuro”<sup>56</sup>: uma única revolução que abarca em si todas as outras. Não seria a ideia de uma revolução apenas política ou social, mas uma transformação em todos os âmbitos da sociedade que a levaria ao tão esperado progresso:

A revolução, desde então, transformou-se para todos em um *conceito perspectivista dentro da história da filosofia*, que apontava para uma direção irreversível. É possível que houvesse ainda discussão sobre um “antes” e um “depois”, sobre um retardamento ou aceleração, mas a direção do movimento parecia definitivamente determinada.<sup>57</sup>

De acordo com o filósofo Alfonso Galindo Hervás, a história dos conceitos de Koselleck pode ser entendida como um antídoto à idealização do progresso no movimento histórico. Tendo em vista que a ideia de progresso apontava para este mundo, e não para o pós-morte (como é a narrativa cristã), as expectativas se tornaram diferentes do que era oferecido pelas experiências anteriores. Na verdade, “progresso” tornou-se o conceito que permitiu conceituar essa experiência do tempo como uma ruptura, como um lugar de transição onde novas experiências são vividas constantemente.<sup>58</sup>

Entender a concepção de tempo histórico e a estrutura temporal de Reinhart Koselleck no projeto *Conceitos históricos fundamentais* é de extrema importância não somente porque é um ponto central na obra do historiador, mas também porque serve como uma forma de ilustrar processos, dinâmicas e contextos diversos, de maneira a compreender a mentalidade de indivíduos em vários períodos históricos – apesar de o foco central ser na era moderna. Além disso, Niklas Olsen argumenta que a importância do trabalho se dá porque Koselleck “se baseou em um modo de análise que não apenas via a linguagem como ligada ao tempo e o tempo como ligado à linguagem, mas, em vez

---

<sup>55</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 176. Tradução livre.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 176. Tradução livre.

<sup>57</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*, p. 71.

<sup>58</sup> HERVÁS, *El antiliberalismo como clave de la obra de Koselleck*, p. 59 e 60.

disso, retratava a realidade social, o tempo e a linguagem como três dimensões inter-relacionadas da vida humana”<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 185 e 186. Tradução livre.

#### 4. Reflexões e questionamentos sobre a temporalidade

Tendo em vista a “crise identitária na profissão de historiador”<sup>60</sup>, como já foi dito anteriormente, Reinhart Koselleck tinha a convicção de que, se a disciplina histórica queria sobreviver enquanto ciência, precisaria urgentemente desenvolver parâmetros teóricos. Em dois artigos publicados no início da década de 1970, intitulados *Para que História, ainda?*<sup>61</sup> e *Sobre a necessidade de teoria na Ciência da História*<sup>62</sup>, ele explica a crise presente entre os historiadores, dizendo que havia uma ampla discussão acerca da relevância da história, além de dúvidas de se a disciplina poderia ser considerada um “rigoroso ramo de pesquisa”<sup>63</sup>.

É nesse contexto que, em ambos os artigos, o historiador apresenta uma possível solução: a elaboração de uma teoria do tempo histórico que seria o ponto de encontro entre todas as análises históricas. Tal teoria “era necessária para esclarecer a relação entre a ‘história em si’ e as muitas ‘histórias no plural’, a fim de (...) permitir a aplicação de conceitos como aceleração, progresso e movimento”<sup>64</sup>. Apesar de Koselleck já ter trabalhado com essa temática anteriormente – e inclusive feito diversas reflexões sobre –, são nesses artigos que ele anuncia o seu projeto pessoal de apontamentos e questionamentos específicos sobre a temporalidade. Dessa maneira, ele tentaria encontrar padrões e estruturas que fizessem sentido à história como um todo e que cooperassem para uma teoria dos tempos históricos.

Carsten Dutt, em uma entrevista com Koselleck, explica que, tendo consciência do fracasso da filosofia da história enquanto estrutura temporal do movimento histórico, Koselleck buscou elaborar maneiras de entender “as condições das histórias possíveis”<sup>65</sup>, ou seja, desenvolver categorias relacionadas ao tempo histórico que ajudem a entender não somente o porquê de as histórias ocorrerem, mas também como elas transcorrem.

---

<sup>60</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 217. Tradução livre.

<sup>61</sup> KOSELLECK citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 217. Tradução livre.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 217. Tradução livre.

<sup>63</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 217. Tradução livre.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 219. Tradução livre.

<sup>65</sup> KOSELLECK; DUTT, *História(s) e Teoria da História*, p. 312.

Os seus principais trabalhos sobre o assunto se encontram em duas coletâneas de artigos: *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*<sup>66</sup>, de 1979, e *Estratos do Tempo: Estudos sobre História*<sup>67</sup>, de 2000. Segundo Niklas Olsen, os argumentos que Koselleck elabora acerca da temporalidade são cristalizados em duas linhas de pesquisa, as quais têm diferentes objetivos. A primeira linha de pesquisa, materializada em *Futuro Passado*, é central em seus trabalhos desde a década de 1960, diferentemente da segunda linha de pesquisa, exposta em *Estratos do Tempo*, que se tornou importante para a sua obra a partir dos anos 1980.<sup>68</sup>

A tese central da sua primeira linha de pesquisa é a de que o ser humano seria um ser essencialmente temporal, o qual estaria em constante interação entre passado, presente e futuro. Koselleck chegou a essa conclusão após analisar questões tanto individuais quanto coletivas, além de perceber as diferenças entre as concepções de tempo de alguns períodos históricos – principalmente a do período moderno. Como já foi explicitado no presente trabalho, as categorias históricas “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” foram cruciais, pois foram elas que convergiram todas as suas ideias (até então) acerca da temática de temporalidade.

Nesse momento, no entanto, Koselleck adapta essas categorias a uma análise mais estrutural, explicando que seriam categorias meta-históricas, pré-linguísticas e antropológicas, tendo em vista que fariam parte da estruturação temporal de toda a história. Apesar de tais categorias serem mais visíveis no período moderno, quando a tensão entre a experiência e a expectativa se tornou mais intensa, ambas estariam presentes na história como um todo, já que “a distinção temporal na vida humana entre o mais cedo e o mais tarde sempre se expressará na diferença entre experiências e expectativas”<sup>69</sup>. O espaço de experiência e o horizonte de expectativa seriam, portanto, imprescindíveis para o reconhecimento do tempo histórico. John Zammito argumenta que, para Koselleck, essa era considerada a melhor característica de tais categorias históricas, tendo em vista que elas colocam “as complexidades aporéticas da temporalidade sob controle empírico”<sup>70</sup>, ou seja, estão presentes em cada experiência, são

---

<sup>66</sup> KOSELLECK, *Futuro Passado*.

<sup>67</sup> KOSELLECK, *Estratos do Tempo*.

<sup>68</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 221.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 223. Tradução livre.

<sup>70</sup> ZAMMITO, Koselleck's philosophy of historical time(s) and the practice of History, p. 128. Tradução livre.

invocadas no esforço de explicar tais experiências e se modificam quando se relacionam tanto com o tempo tanto uma com a outra.

Enquanto o foco da primeira linha de pesquisa é na interação entre passado, presente e futuro, na experiência e expectativa, e na singularidade da temporalidade moderna, a segunda linha de pesquisa, a partir da década de 1980, evidencia ainda mais o “reconhecimento de relações fundamentalmente antropológicas das histórias”<sup>71</sup>, continuando a buscar respostas para as indagações sobre a estrutura temporal do movimento histórico. Nesse momento, Koselleck enfoca questões relacionadas à multiplicidade temporal, tendo como principal tese a de que o movimento histórico consistiria na interação entre diferentes “estratos do tempo”, ou seja, camadas temporais. É nesse sentido que na obra *Estratos do Tempo* é proposta uma concepção de temporalidade estratificada, na qual toda a história contém pelo menos três diferentes estratos dentro da estrutura temporal: o estrato singular, o estrato recursivo (repetitivo) e o estrato transcendente.

Como foi observado pelo cientista político Kari Palonen<sup>72</sup>, Koselleck teve dificuldade durante toda a sua carreira em diferenciar o “temporal” do “histórico” em termos linguísticos, tendo sido por isso que utilizou diferentes expressões para definir o tempo histórico. Nas últimas décadas da sua carreira, contudo, o historiador se satisfaz com o conceito de estratos do tempo, os quais, no seu ponto de vista, eram a melhor definição possível da sua concepção de estrutura temporal:

A expressão “estratos do tempo” remete a formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas no decurso da chamada história geológica. (...) Sua transposição para a história humana, política ou social, permite separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados.<sup>73</sup>

O primeiro estrato temporal, chamado estrato singular, é o que contém as singularidades de um determinado evento, o tornando único para quem o experienciou.

---

<sup>71</sup> KOSELLECK; DUTT, *História(s) e Teoria da História*, p. 312.

<sup>72</sup> PALONEN citado por OLSEN, *History in the Plural*, p. 227.

<sup>73</sup> KOSELLECK, *Estratos do Tempo*, p. 19.



Esse estrato, no entanto, é condicionado pelo segundo estrato do tempo: o recursivo (ou repetitivo), o qual fornece eventos com bases narrativas que se assemelham. Koselleck exemplifica tal estrutura temporal com o fato de receber uma carta. Por um lado, a carta é singular e única, podendo ser extremamente significativa tanto para quem a enviou quanto para quem a irá receber. Por outro lado, tanto o fato de enviar a carta quanto o fato de a receber só é possível porque existe uma estrutura de entrega. O carteiro entrega uma enorme quantidade de cartas todos os dias e, por isso, tal evento torna-se repetitivo do ponto de vista dele. De acordo com o historiador Niklas Olsen, “Koselleck apresentou a história como uma série de eventos singulares que são continuamente inscritos em vários níveis de estruturas de repetição”<sup>74</sup>.

Em um primeiro momento, pode-se entender que o estrato singular oferece uma “história mais efetiva”<sup>75</sup>, pelas palavras de Koselleck, já que ele intervém nas atitudes mais individuais dos agentes e está constantemente criando novas possibilidades de alteração do curso da história. Contudo, essas singularidades só são possíveis porque existem padrões de repetição já alicerçados na sociedade. “Se cada uma delas (camadas temporais) fosse singular, criar-se-ia um oco; se tudo fosse novo, não se saberia de modo algum onde se poderia agir”<sup>76</sup>.

É nesse sentido que, em uma entrevista, Koselleck faz uma dura crítica ao conceito de *longue durée* de Fernand Braudel, o qual é ainda muito utilizado por uma parcela dos historiadores. Para ele, a longa duração é um postulado idealista, pois a duração não é nada estática. Apesar de dizer que, “em termos grosseiros, todos os eventos contêm mais do que 50% de estruturas de repetição”<sup>77</sup>, Koselleck argumenta que “os modos de ação, encarados a curto ou médio prazo, não são definíveis como duradouros, no sentido de serem estados constantes”<sup>78</sup>. Em outras palavras, não tem como as ações serem consideradas duradouras se os seres humanos possuem infinitas possibilidades de conduta, as quais se alteram constantemente. Dessa forma, se faz necessário o fator singular teorizado por Koselleck, que serve justamente para abranger tantas possibilidades.

---

<sup>74</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 227. Tradução livre.

<sup>75</sup> KOSELLECK; DUTT, *História(s) e Teoria da História*, p. 317.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 317.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 316.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 316.

Paralelamente a esses dois estratos temporais, que tornam um evento tanto singular quanto repetitivo dentro da estrutura, existe ainda o terceiro estrato: o transcendente. Este último plano temporal refere-se a um tipo de repetição que vai além da experiência geral ou individual de uma pessoa, sendo englobada no que Koselleck chamou de “categorias antropológicas”. Na mesma entrevista, o historiador explicou que tais categorias, enquanto conceitos-base para as histórias possíveis, são mais a “descrição de um programa do que já seu resultado empírico”<sup>79</sup>, tendo em vista que elas precisariam passar por uma ampla pesquisa empírica antes de serem convertidas em uma teoria da história.

De toda forma, as categorias antropológicas pensadas por Koselleck são, em sua maioria, pares antitéticos (oposições) entre si, os quais agiriam de diferentes maneiras e nos mais diversos eventos históricos. São elas: antes-depois; interior-exterior; acima-abaxo; precipitar-se para morte - poder matar; e amigo-inimigo. Sendo inerentes à natureza humana, essas categorias seriam o ponto fundamental para a movimentação do tempo histórico. Contudo, ele chama a atenção para três dessas categorias: antes-depois; interior-exterior; e acima-abaxo. Segundo ele, estas seriam as mais primordiais nas histórias individuais, “sem as quais (...) nenhuma história (*Geschichte*) é pensável”<sup>80</sup>.

Por serem oposições entre si, as categorias em questão resultariam em formas de conflito, já que, na concepção do autor, a diferenciação temporal e social também se dá, necessariamente, pela variação de conflitos, criando-se todo um sistema de alternância. Em outras palavras, a oposição intrínseca das categorias antropológicas cria conflitos dos mais diferentes tipos e em todos os âmbitos da sociedade. É somente pela existência de conflitos (em níveis altos ou baixos) que se desenvolvem novas possibilidades de eventos: “Um conflito chega ao fim quando um novo conflito começa. Assim os próprios conflitos não se solucionam definitivamente, senão que propriamente apenas se dissolvem noutros conflitos estruturados”<sup>81</sup>.

Koselleck exemplifica a relação entre os estratos do tempo e as formas de conflito por meio da análise da sua obra acerca da história administrativa da Prússia: *A Prússia entre reforma e revolução* (1967)<sup>82</sup>. De acordo com ele, na Prússia do final do século

---

<sup>79</sup> KOSELLECK; DUTT, História(s) e Teoria da História, p. 313.

<sup>80</sup> Ibid., p. 313.

<sup>81</sup> Ibid., p. 315.

<sup>82</sup> KOSELLECK citado por KOSELLECK; DUTT, História(s) e Teoria da História, p. 317.

XVIII, as relações sociais passaram por transformações que não foram acompanhadas pelas estruturas do direito, tendo em vista que estas atuavam a mais de um século sem alterações. As relações sociais podem ser entendidas como o estrato singular, enquanto as estruturas do direito seriam o estrato recursivo. Nesse contexto, os conflitos passaram a surgir, tendo em vista que a mudança no estrato singular foi mais intensa do que o estrato recursivo pôde suportar, uma assimetria causada justamente pelas oposições das categorias antropológicas.<sup>83</sup>

Entretanto, de acordo com o historiador, o mais importante de todos esses seus questionamentos e suposições é o fato de que as histórias não terminariam harmonicamente, como reiteraram os filósofos da história, já que a própria estrutura do movimento histórico seria conflituosa e “irracional”. Há uma passagem em *Estratos do Tempo* em que é claramente dito: “Em si mesma, a história (*Geschichte*) é irracional. No melhor dos casos, racional é sua análise”<sup>84</sup>.

Depois de analisar as reflexões e questionamentos acerca da temporalidade que Reinhart Koselleck nos apresentou em diversos trabalhos, podemos apreender que a sua maior aspiração era uma concepção de tempo para a escrita da história em que o passado, o presente e o futuro fossem interpretados como em constante interação. As categorias históricas (espaço de experiência e horizonte de expectativa), os estratos do tempo (singular, recursivo e transcendente), as categorias antropológicas (antes-depois; interior-exterior; acima-abaxo; precipitar-se para morte - poder matar; e amigo-inimigo) e as formas de conflito que são resultadas dessa estrutura, juntos, fazem parte dos diversos apontamentos que Koselleck contribuiu ao longo da sua carreira sobre a temática da temporalidade. De acordo com ele, são eles as condições de possíveis histórias para qualquer análise dentro da disciplina histórica.

Tendo em vista todos esses trabalhos aqui resumidos, Niklas Olsen argumenta que tais reflexões e questionamentos são considerados algumas das mais importantes contribuições do historiador para a escrita histórica alemã do período pós Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, a iniciativa foi crucial para o estabelecimento da discussão acerca

---

<sup>83</sup> KOSELLECK; DUTT, História(s) e Teoria da História, p. 317.

<sup>84</sup> KOSELLECK, *Estratos do Tempo*, p. 19.

da temporalidade, não somente na historiografia alemã, mas também internacionalmente.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> OLSEN, *History in the Plural*, p. 232.

## Considerações finais

Por meio de uma breve análise dos principais trabalhos de Reinhart Koselleck, pudemos perceber a importância das discussões referentes à temporalidade em seus escritos: desde a tese de doutorado, a análise do tempo histórico é central, sem a qual não teria sido possível a conclusão das suas pesquisas. É perceptível também a centralidade da *Sattelzeit*, tendo em vista que Koselleck iniciou a sua carreira acadêmica com foco naquele período em especial e, ao longo dos anos, percebeu nele a sua diferenciação temporal frente aos outros. Tendo sido um momento marcado pela aceleração temporal e intensa assimetria entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, a modernidade tornou-se única do ponto de vista da temporalidade, quando os indivíduos passaram a ressignificar por completo as suas concepções de tempo.

*Crítica e Crise: um estudo sobre a patogênese do mundo burguês* (1953), seu primeiro trabalho de larga escala, é baseado em uma crítica ferrenha às ideias da filosofia da história que resumiram o movimento histórico em um progresso inevitável; *A Prússia entre reforma e revolução* (1967), por outro lado, foi o seu primeiro trabalho em que apareceram as camadas temporais (ou político-temporais, como foram explicadas) enquanto estrutura da história; no projeto *Conceitos históricos fundamentais: Léxico histórico da linguagem política e social na Alemanha* (a partir de 1972), iniciou-se a elaboração de categorias histórico-antropológicas inerentes aos seres humanos; enquanto, em meados de 1980, ele utilizou toda essa bagagem na elaboração de reflexões e questionamentos específicos sobre a temporalidade que abarcassem condições de histórias possíveis.

É justamente por Koselleck não ter estruturado essas suas reflexões acerca do tempo histórico em uma só obra, mas as separado em diversos artigos e trabalhos avulsos durante toda a sua carreira – e, inclusive, ainda haver muitos debates acerca de detalhes que não foram totalmente explicados pelo historiador –, que é possível analisar o caminho de aperfeiçoamento de tais reflexões e entender de que maneira as suas percepções de temporalidade contribuíram para o pensamento e elaboração da sua obra.

Nesse sentido, a noção de temporalidade do historiador Reinhart Koselleck demonstrou-se carregada de diversas faces, ora focada na crítica às ideias de progresso, ora focada na multiplicidade de camadas temporais, ora focada em categorias históricas

e antropológicas. Contudo, ela se permite ser única ao ser uma peça fundamental do movimento histórico, guiando os indivíduos por meio de categorias primordiais para a percepção do tempo e de suas próprias experiências.

## Referências bibliográficas

ASSIS, Arthur Alfaix; MATA, Sérgio da. O conceito de história e o lugar dos *Geschichtliche Grundbegriffe* na história da história dos conceitos. In: KOSELLECK, R; MEIER, C; Günther, H; ENGELS, O. *O Conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HERVÁS, Alfonso Galindo. El antiliberalismo como clave de la obra de Koselleck. In: *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, Nº 21: 2009. p. 44-62.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2015.

\_\_\_\_\_; DUTT, Carsten. História(s) e Teoria da História. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 18, 2015. p. 311-324.

\_\_\_\_\_. *Estratos do Tempo. Estudos Sobre História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

\_\_\_\_\_, MEIER, C; Günther, H; ENGELS, O. *O Conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Estevão de Rezende. Tempo: Experiência, Reflexão, Medida. In: *Heterocronias – Estudo sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

OLSEN, Niklas. Carl Schmitt, Reinhart Koselleck and the foundations of history and politics. In: *History of European Ideas* 37. 2011. p. 197-208.

\_\_\_\_\_. *History in the Plural. An introduction to the Work of Reinhart Koselleck.* New York: Berghahn Books, 2012.

PANKAKOSKI, Timo. Conflict, Context, Concreteness: Koselleck and Schmitt on Concepts. In: *Political Theory* 38. 2010. p. 749-779.

PÉGUY, C. Clio, Dialogue de l'histoire et de l'âme païenne. In: *CEuvres en prose complètes, III.* Paris: Gallimard, 1992. (Bibliothèque de la Pléiade).

SCHINKEL, Anders. Imagination as a category of history: An essay concerning Koselleck's concepts of *Erfahrungsraum* and *Erwartungshorizont*. In: *History and Theory* 44. 2005. p. 42-54.

ZAMMITO, John. Koselleck's philosophy of historical time(s) and the practice of History. In: *History and Theory* 43. Middletown: Wesleyan University, 2004. p. 124-135.



### **Declaração de autenticidade**

Eu, Ana de Souza Santana, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “As várias facetas da temporalidade na obra de Reinhart Koselleck” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília – DF, 20/04/2021

A handwritten signature in black ink, consisting of a stylized initial 'A' followed by a long horizontal line.

---

Ana de Souza Santana